

deles, governando o Universo. Grande parte modificou a vida.

Em verdade não viam com os olhos do corpo o emissário que o Soberano lhes mandara. Entrementes, o primeiro juiz trabalhava sem cessar, acordando-lhes a consciência adormecida. Obrigou-os a meditar nas origens divinas da Escola, estimulou-lhes a curiosidade, a fim de reconhecerem que se encontravam de passagem no educandário maravilhoso e fê-los olhar a luz celeste em que se banham os impérios resplandecentes do Poderoso Senhor, para que se sentissem menos vaidosos e mais aplicados ao estudo e ao trabalho cotidiano.

Desde então, os príncipes encontraram no primeiro juiz um educador de primeira ordem e um companheiro admirável para a jornada de retorno às leis do Amoroso Pai.

— /// —



XVI

O segundo juiz

O trabalho do segundo juiz era mais difícil, mais doloroso. A missão do primeiro julgador perdurava até ao instante em que os príncipes eram obrigados a deixar o uniforme envelhecido ou roto. Aí então começava o serviço do segundo. Ele devia mostrar aos filhos ingratos o erro em que se haviam comprometido, com toda a franqueza, depois de encerrada a oportunidade de serviço e estudo.

Os herdeiros do Grande Rei, todavia, quando foram entregues ao segundo julgador, a fim de receberem a verdade e a luz para tornarem aos braços paternos, estavam com os olhos cheios de treva e as mãos tintas de sangue, os pés revestidos de lodo e o coração cercado de espinhos, mormente todos aqueles que haviam fugido ao auxílio do pri-

meiro juiz retificador. Estavam cegos e tontos. Não sabiam que rumo escolher. A consciência parecia-lhes uma casa incendiada. Os príncipes tão ricos e tão desventurados agora só sabiam chorar.

O segundo juiz revelou-lhes o abismo em que se haviam precipitado.

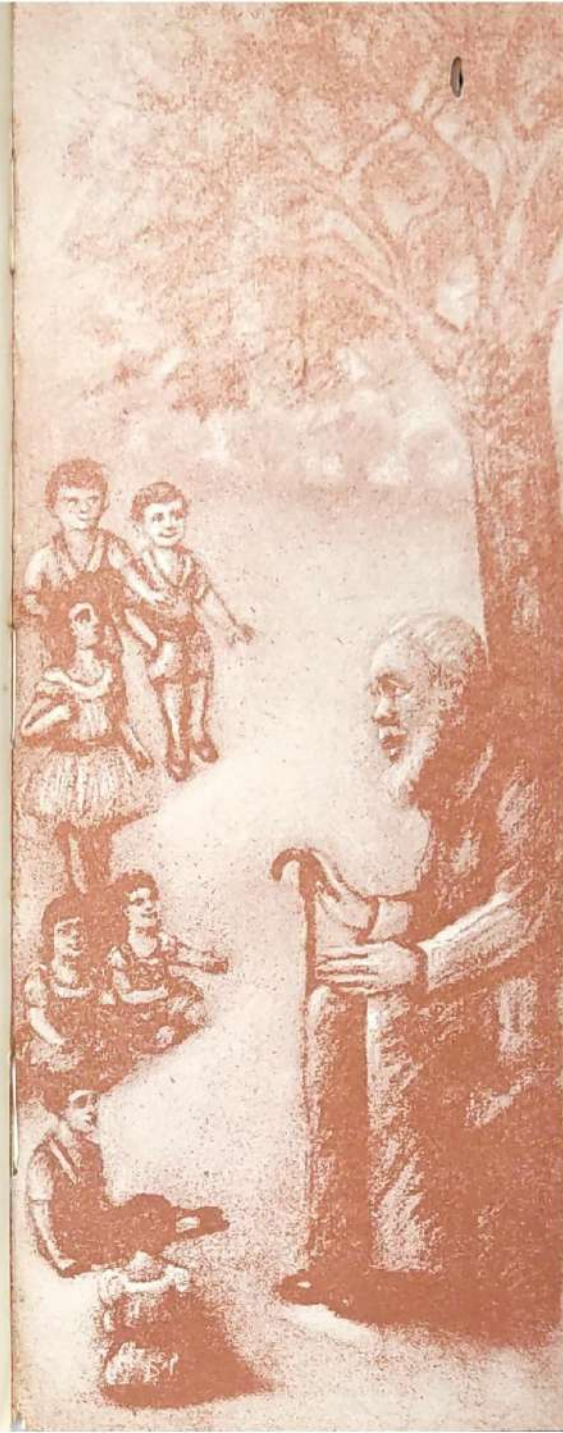
Dedicado e bom, como sempre, o Poderoso Pai veio ver os filhos sofredores; entretanto, os príncipes não o viram, nem lhe ouviram a voz pelo estado lastimável em que se achavam.

Compadecendo-se dos jovens, o Rei Sábio e Bondoso desculpou-os e, chamando os conselheiros, determinou que os filhos amados voltassem à grande escola, guardados de perto pelos dois juizes, recomeçando o aprendizado da sabedoria e do amor para a redenção.

De novo, o velho narrador fez longa pausa, para concluir:

— Desde então, os aprendizes regressam ao educandário, utilizando os mesmos uniformes para adquirirem a virtude e a elevação.

— /// —



XVII

A Escola Sublime

C IPIÃO interrompeu-se, como se houvesse terminado a narrativa. Contemplou o céu azul onde vagueavam avermelhadas nuvens do crepúsculo. O vento leve da tarde acariciava-lhe os cabelos brancos...

As crianças conservaram-se em profundo silêncio, aguardando-lhe os comentários.

Decorridos alguns instantes, o velhinho amparou-se no cajado, buscando talvez energias novas, e informou em tom diferente:

— Esta, meus bons amiguinhos, é a história que eu soube haver Jesus contado, um dia, aos pequenos de Cafarnaum. Em torno dele, acotovavam-se filhos dos mais diversos lares. Eram as crianças descendentes de judeus e romanos, gregos e etíopes que o escuta-